



**Gabinete do
Arcebispo Primaz**

HOMILIA

Ref. HML_50/2015

Homilia no Dia de Natal

Braga, Sé Catedral, 25.Dez.2015, 11h30

Fazer-se um com todos para um Natal de afectos

Nunca como hoje o Natal se prendeu a preocupações exteriores. Corre-se para comprar prendas. Pensa-se em dar algum sinal de reconhecimento, de amizade ou de gratidão. Cuida-se pormenorizadamente de um jantar festivo onde nada falte. Agita-se para chegar a horas de um repasto familiar. Concentrados nesta vertente exterior, corre-se o risco de não entrar no sentido profundo desta festa. Isto para os cristãos e para aqueles a quem os cristãos deverão mostrar o que deve ser o Natal. Na verdade, nas nossas famílias podemos encontrar-nos com uma diversidade grande de modos de interpretar a existência. E, neste contexto, dever-se-ia, sem impor nada, ter a coragem de mostrar o essencial deste acontecimento festivo.

Para isso, paremos um pouco a nossa imaginação durante esta eucaristia ou pensemos em encontrar uns momentos para deixar de lado as preocupações habituais, colocando-nos longe da azáfama diária e entremos no nosso íntimo para olharmos um pouco para nós. Entremos dentro de nós mesmos removendo as inquietações e fechando as portas do ruído. Procuremos encontrar-nos connosco e colocando-nos na presença de Deus feito homem. Vejamos para além do imediato do presépio.

O que encontraremos aí? Não é um objecto ou um conjunto de objectos. É uma pessoa que verdadeiramente se fez homem, desceu ao profundo dos enigmas da vida e aí quis colocar um sentido para a vida. Se queremos ser discípulos teremos de seguir permanentemente a lição do presépio. Ele uniu-se à humanidade para que a humanidade se una a Ele e ao seu projecto humanizador.

Para entendermos melhor este gesto gostaria de rezar o hino que a Igreja usa na liturgia das horas em sexta-feira.

Atei os meus braços com a tua Lei, Senhor
E nunca os meus braços chegaram tão alto!
Ceguei os meus olhos com a tua Luz, Senhor,
E nunca os meus olhos viram tão longe!
Só desde que Te dei a minha alma, Senhor.
Ela é verdadeiramente minha.

Por isso, hei-de subir até à Vida,
Despedaçando o corpo na subida.
Por isso, hei-de gritar, de porta em porta,



A mentira das noites sem estrelas;
Hei-de fazer florir açucenas nos meus lábios;
Hei-de apertar a mão que me castiga;
Hei-de beijar a cinza dos escombros;
Hei-de esmagar a dor
E hei-de trazer, aqui, sobre os meus ombros,
A tua cruz, Senhor!

Que lição poderemos tirar daqui?

Hoje, com a ousadia dos mártires e dos santos, teremos de atar a nossa vida à vida de Cristo, enxertarmo-nos como o ramo na videira, para que possamos chegar mais longe do que os desejos humanos e ver a plenitude de significado que a vida pode e deve ter. Quando criamos esta intimidade unitária nunca nos sentiremos abandonados. Há sempre alguém que está connosco e a quem podemos gritar a “mentira das noites sem estrelas.”

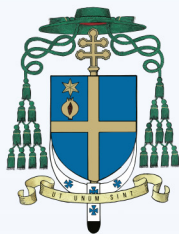
Na minha vida pessoal habituei-me a interpretar a vida como uma consequência lógica desta intimidade. Resumo tudo na vontade de “fazer-me um com Cristo” na vivência da Sua vontade em cada momento presente e, como consequência normal de viver a unidade com quem deu a vida pela humanidade, procuro estruturar a minha vida na lógica de “fazer-me um” com qualquer próximo que encontro. “Fazer-me um com Cristo” e “fazer-me um com todos” sem exclusão de espécie nenhuma. É este o sonho da unidade.

Se a vida dos outros tem alegria é com essa alegria que me identifico. Se é sofrimento, a sua dor é minha e as suas lágrimas não ficam sozinhas.

Esta universalidade do “fazer-se um” pode levar-nos ao encontro com inimigos ou antipáticos. Aí surge o dever e a coragem de “apertar a mão a quem me castiga.”. O ser concreto, assumindo a vida dos outros, é encargo de “esmagar a dor” com a minha atenção, disponibilidade, sentido de serviço.

Partilhei um pormenor de uma vontade pessoal. Agora pergunto. Se queremos ser discípulos missionários, não será que a nossa primeira missão consiste neste “esmagar” a dor para fazer “florir açucenas” nos lábios das pessoas? Quando o amor entra dentro de nós próprios, reconhecemos que identificando-nos com a humanidade afastamo-nos da indiferença e do egoísmo.

Ao Menino de Belém quero agradecer a multidão de voluntários que, por Ele e pelo Seu Reino, gastam horas, dinheiro e energias. Mas gostaria de lhe confiar um sonho que me acompanha há muitos anos. Sei que a vida é muito sobrecarregada e nem sempre permite a disponibilidade de alguns minutos em hora e dia certo. Mas também verifico que há muita coisa, desde ideias e sugestões a concretizações, que pode ser realizada a partir desta unidade com o projecto humanizador de Cristo, mesmo num horário de vida totalmente desconexo. A Arquidiocese não terá médicos, professores, políticos, engenheiros, enfermeiros, comerciantes, industriais, assistentes sociais, economistas, financeiros, consultores jurídicos, etc, que sejam capazes de dar algum do seu tempo e da sua competência? Recordem-se que “só desde que damos a nossa vida, ela é



verdadeiramente nossa”.

Não sei que resultados poderá ter esta partilha de um sonho que me acompanha. Sei que poderiam surgir grupos diferenciados. Chamar-lhe-ia “Voluntários Mt 25”. Espero que a ideia seja uma semente e que ela frutifique a nível arceprestal, com base nos concelhos, com uma articulação e orientação diocesana.

Fazer-se um com todos, se é universal, olha para as situações humanas a que prestamos pouca atenção pensando que os outros os devem resolver. Gostaria de pensar e convidar a que pensássemos nos presos. Temos uma cadeia em Braga e outra em Guimarães. Estão bem muradas mas teremos de ir para além dos muros e repensar o que poderemos fazer pelos reclusos, quase todos relativamente jovens. Se muitos tivessem um acolhimento e atendimento por parte das comunidades talvez não estivessem lá. Alguns encontram-se verdadeiramente descartados da sociedade e da família. O Santo Padre pede que marquemos o Ano da Misericórdia com sinais que testemunhem o Amor misericordioso como apelo à conversão.

No caso dos ex-reclusos, verifica-se que muitos perdem a capacidade de viver autonomamente devido a uma longa experiência prisional. Outros há que nunca estiveram plenamente inseridos na sociedade, pela natureza dos seus percursos desviantes. Sair de um ambiente totalmente controlado para um ambiente onde há poucas ou nenhuma restrições e uma grande variedade de tentações é muitas vezes motivo para que muitos ex-reclusos regressem ao crime.

Pensamos, por isso, numa casa de transição, **Casa Esperança**, para facilitar a passagem da vida institucional para a vida em comunidade num processo o mais “harmonioso” possível – fornecendo um ambiente mais ou menos supervisionado, mais ou menos estruturado no qual os residentes possam gradualmente recuperar ou alcançar uma vida com relativa autonomia.

Mais do que uma resposta puramente residencial, esta casa proporcionará um ambiente privilegiado para o desenvolvimento ou aquisição de estilos de vida normativos, de competências básicas, pessoais e sociais, promovendo-se uma autonomia progressiva dos seus beneficiários.

O profeta Isaías dizia na primeira leitura que a vinda do Salvador coincidia com o tempo em que a “cidade não seria abandonada”. Os Pastores do Evangelho regressaram a casa glorificando e “louvando a Deus por tudo quanto tinham visto e ouvido”. Que o Natal nos coloque em movimento para que a verdadeira religião nos comprometa com os homens e os seus destinos. Identifiquemo-nos com os problemas e “esmaguemos” as dores humanas fazendo com que se atenuem porque vivenciadas em verdadeira unidade fraterna que não se alheia mas que arrisca soluções e caminhos novos para a sociedade. Isto deve ser o Natal.

Que neste Ano da Misericórdia vivamos um Natal de afectos a purificar, vivenciar e intensificar. Cristo nascendo, abraçou o mundo. Em seu nome, continuemos o seu abraço a todos os homens e mulheres de boa vontade.

† Jorge Ortiga, *Arcebispo Primaz*

D. Jorge Ferreira da Costa Ortiga



Arcebispo de Braga e Primaz das Espanhas